

BULLYING: UMA LEITURA A PARTIR DE FREUD.

Alex Santos Bandeira Barra

Instituto Federal de Goiás/Campus Inhumas/CAPEDISC, alex.barra@ifg.edu.br

RESUMO

O presente artigo discute o tema “bullying” a partir de textos de Sigmund Freud. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que se concentrou na análise dos seguintes textos: Uma contribuição ao problema da escolha da neurose; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.; Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental: Princípio de Prazer e Princípio da Realidade; 4. Um estudo autobiográfico. 5. Inibições, Sintomas e Ansiedade; 6. Cinco Lições de Psicanálise e 7. O Homem dos Ratos. A pesquisa procurou analisar o significado o termo Bullying nos textos de Freud.

Palavras-chaves: Bullying; Freud; Psicanálise; Psicologia da Educação

ABSTRACT

This article discusses the topic of "bullying" from texts of Sigmund Freud. It is a literature which focused on the analysis of the following texts: A contribution to the problem of choice of neurosis; Three Essays on the Theory of Sexuality .; Formulations on the two principles of mental functioning: Pleasure Principle and the Reality Principle; 4. An autobiographical study. 5. Inhibitions, Symptoms and Anxiety; 6. Five Lectures on Psychoanalysis and 7. The Rat Man. The research sought to examine the meaning the term bullying in the writings of Freud.

Keywords: bullying; Freud; psychoanalysis; Psychology of Education

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discute o “bullying” a partir de textos de Sigmund Freud. Como se sabe, Freud fundou a Psicanálise, em colaboração inicial com o Breuer (médico vienense) conforme descrito por ele em Cinco Lições de Psicanálise (1910). A Psicanálise é considerada um método terapêutico que trata os pacientes neuróticos. A teoria freudiana constitui um corpo teórico que permite compreender a vida psíquica dos indivíduo, a relação indivíduo-sociedade, os sonhos, etc.

2. METODOLOGIA

Fizemos uma pesquisa bibliográfica que procurou compreender as diferentes explicações dadas por Freud em torno do tema Bullying. Embora ele não tenha utilizado diretamente este termo, sabe-se que este pensador revelou várias características do mundo infante-juvenil, sobretudo, no que se refere às angústias, agressividade e sexualidade. Esta pesquisa se concentrou em torno de sete textos: 1. Uma contribuição ao problema da escolha da neurose. 2. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 3. Formulações sobre os dois princípios do

funcionamento mental: Princípio de Prazer e Princípio da Realidade; 4. Um estudo autobiográfico. 5. Inibições, Sintomas e Ansiedade; 6. Cinco Lições de Psicanálise e 7. O Homem dos Ratos.

3. BULLYING: ANÁLISE CONCEITUAL

O termo Bullying deriva do verbo *to bully*, nomenclatura inglesa que significa ameaçar, intimidar e dominar. Segundo Teixeira (2011) foi o pesquisador Dan Olweus quem iniciou os estudos sobre o tema de maneira mais séria a partir da década de 1970. Em 1911, no entanto, percebemos que Freud havia anunciado essa temática no texto “*Uma contribuição ao problema da escolha da neurose*” em que é descrita passagens que nos ajudam a entender esse fenômeno considerado recente.

Segundo Chalitta (2008), o bullying é um “comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos, sejam psicológicos” (CHALITA, 2008, p. 82). Pode-se caracterizar, segundo Chalita (2008) o bullying *direto* e o *indireto*. O primeiro é o mais comum e caracteriza-se pelos xingamentos, tapas, empurrões, murros e chutes, além de apelidos ofensivos. O bullying indireto é mais comum no sexo feminino. Se caracteriza por boatos cruéis, intrigas, fofocas, difamações, etc.

4. BULLYING: ANÁLISE FREUDIANA

A teoria de Freud permite compreender como as crianças se desenvolvem, e como reagem quando estão diante de situações angustiantes. É comum acreditarmos que a vida inocente das crianças não produz o desejo agressivo. Na verdade, trata-se de um equívoco, que a partir da teoria freudiana foi dissipado. A criança com o passar da idade se assemelha ao adulto. E sua agressividade, em geral, é fruto de imitação e posteriormente ocorre uma identificação. “O mundo das crianças e dos jovens não é tão risonho quanto se pensa. A escola pode, sim, tornar-se um lugar constrangedor. Sob a roupagem de brincadeira de mau gosto, o fenômeno bullying invade silenciosamente os espaços escolares [...]” (CHALITA, 2008, p. 85).

Segundo Freud (1996) a escolha da neurose depende mais de fatores ontogenéticos (fator acidental) que de aspectos filogenéticos (fator constitucional). Isto é, o processo de aquisição, baseado na experiência do sujeito (ontogênese) contribuirá em maior grau para o mesmo possuir uma ou outra neurose. As neuroses podem ser divididas em três tipos: neurose obsessiva, neurose histérica ou neurose de angústia, esta última também chamada de fobia¹. O “ponto de fixação” equivale ao momento em que ocorre a repressão e onde o sintoma se “aloja”. É neste ponto que haverá a repetição sintomática e, portanto, o sintoma neurótico atuará. Ocorre que num determinado momento a libido é fixada numa fase por ter havido uma angústia no desenvolvimento da criança ocasionada por um trauma e que obrigou o Ego a fazer o recalque (repressão). O resultado desse processo patogênico será a constituição do sintoma.

Como resultado quer da excessiva força de certos componentes, quer de experiências que implicam uma satisfação prematura, fixações da libido podem ocorrer em vários pontos no curso de seu desenvolvimento. Se subseqüentemente verificar-se uma repressão, a libido reflui a esses pontos (um processo descrito como regressão), sendo a partir deles que a energia irrompe sob a forma de um sintoma. Depois tornou-se ainda claro que a localização do ponto de fixação é que determina a escolha da neurose, isto é, a forma pela qual a doença subseqüente vem a surgir (FREUD, 1925, p. 22).

¹Estes são os três tipos de neuroses descritos por Freud ao longo de sua obra.

A criança sofre a fixação numa determinada fase do desenvolvimento da libido e esta fase “determinará” sua maneira de agir. O termo *determinar* não designa uma forma restrita. Ao contrário, a teoria freudiana considera os elementos filogenéticos, individuais e sociais como formadores do sintoma neurótico. A personalidade de um indivíduo é consequência da interação destes fatores. Onde ocorre a fixação acarretarão mudanças no comportamento da criança. É nesta fixação, que alojará o fator constitucional. Pois é neste ponto de fixação que haverá a formação do sintoma neurótico pois é onde o processo de recalque e formação do sintoma se instalam (Freud, 1920).

Os mais profundamente atingidos pela repressão são primeiramente, e sobretudo, os prazeres infantis coprófilos, isto é, os que se relacionam com os excrementos, e, em segundo lugar, os da fixação às pessoas da primitiva escolha de objeto (FREUD, 1925, p. 29).

A citação anterior é uma referência à fase anal-erótica que Freud percebera em 1911. Como se sabe Freud descreveu a libido como uma necessidade sexual, isto é: “falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido” (FREUD, 1901, p. 83). A libido passa por cinco fases: Oral, Anal, Fálica, Latência e Genital. “Começamos por traçar a organização da libido através de suas fases sucessivas – desde a fase oral, através da anal-sádica, até a genital – e, ao fazê-lo, colocamos todos os componentes do instinto sexual no mesmo pé de igualdade” (FREUD, 1925, p.77).

Cada uma destas fases institui mudanças no comportamento da criança. Em todas, predomina um modo de operar a vida que terá consequências na vida futura da criança e consequentemente do adulto.

Em 1911 Freud introduziu a fase anal-erótico ou popularmente conhecida como fase anal. Nesta fase há um componente sádico evidente, conforme Freud constatara. É especialmente na Neurose Obsessiva que a fase anal desempenha maior função. O processo ocorre da seguinte maneira: a criança fica “fixada” numa determinada fase da libido e no futuro, quando adolescente desenvolverá uma neurose que poderá ser: Neurose Histórica, Fobia ou Neurose Obsessiva.

As crianças que se tornam obsessivas são as que terão maiores chances de receberem o rótulo de “agressores” nas escolas, pois são estas crianças que tenderão a ter fantasias sádico-anais. Nesta fase, que culmina na personalidade Neurótica Obsessiva haverá tendências sádicas. Nesta neurose o agora adolescente desenvolve tendências bastante destrutivas. “O papel extraordinário desempenhado por impulsos de ódio e erotismo anal na sintomatologia da neurose obsessiva já impressionou muitos observadores [...]” (FREUD, 1911/1913, p. 195).

Pode-se afirmar que os neuróticos obsessivos foram crianças que tiveram sua agressividade projetada nas primeiras relações afetivas promovidas na fase anal. “A necessidade de sofrer castigo está ligada também à satisfação de impulsos autodestrutivos e eróticos. O castigo físico proporciona indiretamente certo prazer [...]” (D'ANDREA, 53). Uma forma típica de constatar isso é quando se ver a criança chorando por ter evacuado. Algumas choram ao expelirem as fezes e podem sofrer por esta perda. Como consequência, poderão se tornar adultos sovinas que não aceitam perder nada; ou extremamente egoístas e que não gostam de emprestar as coisas a seus coleguinhas; quando adultos podem se tornar homens que não permitem que um colega dirija seu automóvel; existe uma tendência de serem excessivamente metódicas tendo dificuldades de terem boa convivência social justamente por serem individualistas.

Outra consequência é que geralmente são pessoas predispostas a pensarem mal dos outros. Os pensamentos agressivos contra os outros rondam a mente do obsessivo, tornando-o

auto-confiante demais. O obsessivo quer sempre tirar vantagens nas coisas. Quer ser melhor. Quer saber mais. Quer estar por cima dos outros. Isso é consequência de um egocentrismo infantil que não foi superado e permanece inalterado na fase adulta. O Ego do obsessivo chama atenção na Neurose Obsessiva pois a vontade de imperar sobre os outros, isto é, de ser melhor, de ter mais conhecimento são em grande parte das vezes onde ele concentra grande parte de energia psíquica.

Os meninos – os principais afetados na cadeia dos obsessivos² – terão grandes chances de competir com os demais colegas; de projetarem seu ódio nos professores, por exemplo; e, de ter sempre um inimigo, isto é, um alvo para sua agressividade. É muito comum haver alunos em sala de aula que gostam de competir com os professores. Alguns adolescentes desistem de fazê-lo, por perceber que o conhecimento do professor e sua experiência são realmente maior que a sua. No entanto, na Universidade, esse tipo de competição se consolida de maneira mais intransigente. Assim, como nas atividades esportivas é comum haver atletas que estão mais preocupados em provocar a dor do outro do que propriamente serem “amigos” na competição. Isso se repete em hospitais, quando uma enfermeira trata mal o paciente, como se ela “sentisse prazer com a dor alheia”. Todos esses exemplos são mostras de como a personalidade obsessiva se comporta socialmente. É nesta personalidade que está contido o perfil chamado agressor e que comete o Bullying.

Isso não quer dizer que todo obsessivo seja agressor. Grande parte dos obsessivos costumam ser tranquilos e pouco agressivos socialmente, embora sua agressividade seja mais mental que propriamente manual. “Alguém muito “bonzinho” pode ter fantasias altamente destrutivas, ou sua agressividade pode manifestar-se pela ironia, pela omissão de ajuda, ou seja, a agressividade não se caracteriza exclusivamente pela humilhação [...] ou destruição do outro” (BOCK, 2003, p. 330). Na verdade, a agressividade do obsessivo pode ser utilizada apenas de maneira para si próprio, isto é, realizada de forma recalcada. Dos neuróticos, o obsessivo é o que mais mecanismos de defesa utiliza para rechaçar os desejos inconscientes que tentam alcançar sua consciência.

Em uma neurose, contudo (por motivos que eram ainda desconhecidos), o conflito encontrou um resultado diferente. O ego recuou, por assim dizer, na sua primeira colisão com o impulso instintual objetável; impediu o impulso de ter acesso à consciência e à descarga motora direta, mas ao mesmo tempo o impulso reteve sua catexia integral de energia. Denominei esse processo de repressão (FREUD, 1926, p. 18).

É a pessoa portadora de personalidade obsessiva, com esse perfil que descrevemos, que almeja bater nos mais fracos, pois se acham melhor que os demais. Na verdade, essa agressividade recebem outras nomenclaturas populares tais como: inveja, ódio, competição, etc; no fundo, são consequências de uma criança que pouco quer se relacionar com os demais colegas. Há um ímpeto de querer ser melhor que os demais, projetado através da *força*, do *conhecimento* ou do próprio relacionamento *amoroso*. Quantos meninos não querem ser mais fortes que os demais; ou, quantos garotos não querem ser mais inteligentes que os outros colegas da turma; quantos homens não querem ser melhores que as mulheres; alguns se sentem mais inteligentes e têm sempre razão. Assim, como também existe uma forte competição de meninos em quererem ser o “garanhão”. Todas essas formas de competição predominam na adolescência, e isso ocorrerá com menor ou mais grau em cada um. Em síntese, podemos

²Existe uma tendência da maior parte dos homens serem Obsessivos e de Histéricos serem em maior número mulheres (FREUD, 1996). Na faixa etária entre 04 e 10 anos, é mais frequente o aparecimento do Transtorno Obsessivo Compulsivo em meninos do que em meninas (SILVA, 2011).

afirmar que existe uma onipotência diante da *força*, do *conhecimento* e do *amor*. O grau com que cada um lida com sua agressividade e o tanto que se suporta a convivência com o Outro será o referencial para alertar se a pessoa consegue utilizar sua agressividade de maneira socialmente útil. A agressividade se bem utilizada produz resultados positivos na vida de um indivíduo. Agressividade não é sinônimo de violência. Violência, na visão psicanalítica, é resultado do mal uso de sua agressividade como ocorre no Bullying.

A agressividade extrema – sádica – tem um componente forte de querer fazer o outro sentir dor. É essa agressividade que predomina no adolescente que possui a personalidade sádica. Fazer o outro sofrer. Ver o outro ser humilhado. Espancar o outro. Colocar o outro em situação vexatória. Este é o objetivo da criança considerada agressora. Evidentemente que o grau de crueldade vai depender de criança para criança. A grande maioria, muitas vezes, só quer testar sua agressividade. Embora, outros, considerados mais perigosos podem ter tendência de espancar ou mesmo de matar o Outro. No fundo, a agressividade, seja através do vexame, espancamento ou morte constitui o desejo interno do adolescente neurótico obsessivo que tem uma agressividade à flor da pele, embora o mesmo esteja aparentemente tranquilo. Quanto mais recalque o neurótico produz mais ele tem que utilizar energia para manter o sintoma represado.

Em uma neurose, contudo (por motivos que eram ainda desconhecidos), o conflito encontrou um resultado diferente. O ego recuou, por assim dizer, na sua primeira colisão com o impulso instintual objetável; impediu o impulso de ter acesso à consciência e à descarga motora direta, mas ao mesmo tempo o impulso reteve sua catexia integral de energia. Denominei esse processo de repressão (FREUD, 1925, p. 18).

É bom lembrar que a criança obsessiva também está propensa à sofrer Bullying. Geralmente a criança vítima pode ser a criança que está alheia à convivência com os demais. Geralmente, quem sofre Bullying é alguma criança que, ou 1) está fora da roda de amigos e é profundamente fechado, isto é, tímido e recebe geralmente o rótulo de “esquisito” pela turma; 2) ou é um adolescente que está se exibindo exageradamente, como o caso de meninas que vêm à escola com o cabelo espalhafatoso; 3) ou são crianças que são tímidas e inofensivas e têm uma convivência harmônica com os demais, mas podem despertar a inveja dos agressores como, por exemplo, um colega elogiado pelo professores; ou um menino que tem boa convivência com as meninas, etc.

Sobre o exemplo das crianças consideradas “esquisitas” o que se pode falar é que algumas também têm tendências a serem obsessivas, pois uma das características dos obsessivos é se ausentar da boa convivência com os demais. Aquele garoto que “fica” no campo das “fantasias”, isto é, que pouco se socializa, pode despertar nos demais um sentimento de indiferença. Os colegas “percebem” que o colega é isolado; aparentemente que ele “se acha demais” pois não se socializa; que ele não gosta de brincar com os demais (isto é, “não se mistura com a gente”).

Esta indiferença desperta uma vontade de alguém da sala em mexer com o “esquisito”. Conforme Freud explicitou: combina-se o sadismo, que corresponde ao prazer de causar sofrimento (FREUD, 1910) com o masoquismo, que corresponde ao prazer de sofrer. De um lado, um que quer bater; do outro, um que de alguma forma demonstra sua estranheza diante dos outros e, de certa, forma, provoca os demais com sua indiferença. É o canal de permissão entre o sadismo e o masoquismo.

Esse é apenas um dos tipos ou modelos de crianças que são agredidas e alvo de intimidações por parte dos agressores. Existem outras tipologias. Existem vários casos de adolescentes que são quietos; às vezes têm uma condição sócio-econômica melhor e isso

também desperta a inveja de alguns colegas. A quantidade de situações que podem despertar inveja dos agressores é incalculável. Em geral, no cotidiano das escolas o que se percebe é uma diferenciação entre a agressividade dos meninos em relação às meninas. Os meninos geralmente “aprontam mais” na agressividade, utilizando-se de maneira mais cruel na hora da violência. As meninas, em geral, ficam mais no campo da difamação e quando decidem brigar o objetivo é humilhar. Em outras palavras: as meninas se utilizam mais do Bullying indireto enquanto os meninos utilizam o Bullying direto.

Alguns meninos, seja dentro ou fora da escola, têm tendência explícita para matar o que acarreta um verdadeiro perigo a convivência com os demais. Embora na escola esse tipo de violência não seja tão comum, constata-se isso em espancamentos, linchamentos com os quais recentemente temos visto em jornais no Brasil afora. Em quase todas as situações, o grupo que decide espancar é formado por adolescentes ou adultos do sexo masculino. Assim como antigamente havia a tendência a se formar gangues, também usualmente realizado por adolescentes. A velha tendência de se formar grupos rivais hoje é convertida no líder autoritário que quer chefiar o grupo. “Para garantir esse ideal transgressivo, o jovem organiza-se em grupos, como as gangues, os grupos *punks*, os grupos de motoqueiros, os grupos de política estudantil etc. , busca uma subcultura e uma identidade própria” (BOCK, 2003, p. 305).

Além dos casos comuns entre meninas, que costumam ficar no campo das difamações ou agressões verbais. Da mesma forma que essa maior agressividade se apodera dos meninos na fase da adolescência, o mesmo se vê nas crianças. Em geral, os meninos são em todas as fases do desenvolvimento mais “atirados” que as meninas. Percebe-se no trânsito com os motoqueiros empinando suas motos; na escola, através dos jogos dos meninos que são mais competitivos. Na violência e nas disputas que um jogo de futebol de campo pode provocar. As meninas, tendem a serem mais comportadas. Os meninos pulam mais, empurram mais, etc. Por isso, a violência cometida por meninos também é mais acentuada.

Segundo Teixeira (2013) a maior incidência do transtorno de conduta é em pessoas do sexo masculino. Aproximadamente 9% dos meninos e 4% das meninas com menos de 18 anos de idade têm esse transtorno (TEIXEIRA, 2013). “A violação de regras é componente principal desse transtorno e jovens que o possuem apresentam comportamento antissocial, agredindo pessoas e animais fisicamente e sendo cruéis” (TEIXEIRA, 2013, p. 54).

A aprontação que dissemos se refere, portanto, a esse transtorno de conduta em que violar regras se torna algo natural para o adolescente. Fugir de casa, mentira, consumo de álcool ou outras drogas além de comportamento sexual de risco são exemplos de sintomas graves cometidos por adolescentes com esse transtorno (TEIXEIRA, 2013). No caso, esse mesmo adolescente é o personagem principal das cenas de crueldade chamadas de Bullying.

Das três principais neuroses transferenciais, isto é, Histeria, Neurose Obsessiva e Fobia, definidas por Freud (1996) o Obsessivo é que tem a maior disposição sádica. Como já dito anteriormente, a fixação é estabelecida na fase anal, quando o amor próprio, isto é, seu narcisismo está mais acentuado. O obsessivo se torna uma pessoa avarenta, que quer somente as coisas para si. Fala muito de si, é extremamente racional e, às vezes, megalomaniaco. Vive num mundo ilusório e fantasioso, e precisa de certo esforço para “cair na real”. “Os sistemas que o neurótico obsessivo constrói lisonjeiam seu amor próprio, fazendo-o sentir que ele é melhor que outras pessoas, porque é especialmente limpo ou especialmente consciencioso” (FREUD, 1925, p. 62).

Em geral ele é excessivamente imparcial, pouco afetivo e costuma ter dificuldades de se relacionar com as mulheres, além de ser comum haver reclamação de que ele não tem “sangue nas veias”, demonstrando que tem pouco afeto e alguns se relacionam de maneira anti-social com as pessoas. Costumam ser isolados. O perfil do agressor, no entanto, aqui difere um

pouco do perfil clássico do obsessivo. Pois, geralmente, os agressores, são adolescentes que vivem em turma e costumam ter sempre um amigo mais corajoso para testar seu sadismo.

O sadismo do adolescente agressor é extremo. Ele não tem pena de si, como se ele estivesse dizendo: “não tiveram pena de mim”. Com isso, ele fica permitido a agir de maneira autoritária, não sentido “dó” dos demais.

Sobre a hipervalorização do conhecimento, comum em sua personalidade, Freud explica:

Em particular, ficamos sempre com a impressão de que o instinto do conhecimento pode realmente tomar o lugar do sadismo no mecanismo da neurose obsessiva. Na verdade, ele é, no fundo, uma ramificação sublimada do instinto de domínio, exaltado em algo intelectual, e seu repúdio sob a forma de dúvida desempenha grande papel no quadro da neurose obsessiva (FREUD, 1911/1913, p. 198).

É evidente que o obsessivo “clássico” é um sujeito mais tranquilo do que o perfil do obsessivo sádico. Embora, ambos tenham bastante agressividade, pode-se dizer que o canal utilizado pelo obsessivo clássico é socialmente menos grave, pois sua vontade interna será de ser melhor que os outros, ao contrário do obsessivo sádico, que tem vontade extrema de espancar ou de colocar alguém em situação vexatória. A exaltação intelectual do obsessivo clássico é uma ramificação ou um substituto do domínio que corresponde a uma tendência sádica. É como se seu ódio fosse transposto para atividades intelectuais de maneira a estar por cima dos outros.

No caso do Homem dos Ratos Freud explica:

Em vez da agressividade por parte do paciente para com o pai, surgiu a agressividade (sob forma de vingança) por parte do pai para com o paciente. Visto que essa agressividade se acha, em qualquer caso, enraizada na fase sádica da libido, somente uma certa dose de degradação se faz necessária para reduzi-la à fase oral (FREUD, 1925/1926, p. 66)

Feito essas primeiras considerações, podemos dizer: o bullying é consequência da vivência na fase anal-sádica. A permanência, isto é, a fixação, ou a regressão futura são aspectos que aparecem no desenvolvimento das crianças e adolescentes mesmo quando estes já se tornarem adultos.

5. BULLYING E EDUCAÇÃO

Em síntese, podemos afirmar: o bullying é uma agressividade cometida na maior parte das vezes por meninos que têm tendências sádicas. Ou querem chefiar os grupos, isto é, terem o ideal de 'fazer gangue'; ou querem usar suas estripulias de maneira mais violenta. Nem sempre o adolescente que decide chefiar necessariamente estará tendo atitudes muito agressivas. É difícil distinguir o grau de agressividade nessa situação, mas em geral, a vontade de “comandar” é comum entre meninos, que estão vivendo uma competição com o Pai. Por isso é mais comum a ocorrência entre os meninos, já que da menina provém, em geral, a vontade erótica. Ou seja: enquanto os meninos querem o *poder*, em geral as meninas querem um grande *amor*. Isso mudará um pouco na vida adulta quando os meninos quiserão ter sucessos nos negócios, e as meninas quiserão constituir uma família. Com isso, quer-se dizer: o grau de autoridade exercida por um determinado garoto no grupo não necessariamente gera situações de violência, a não ser quando este garoto têm tendências sádicas, pois neste caso a vontade de ultrapassar as barreiras

da Lei, são convocadas, surgindo situações de formação de gangue, assaltos, estupros, linchamento ou as situações chamadas de Bullying e que são cometidas na escola.

O apelido, que tem caráter hilário e serve também para aliviar um pouco o sofrimento, representa uma forma invasiva e agressiva exposta por seu ódio aos outros. Mas, ao mesmo tempo, esse mesmo apelido, pode funcionar como chiste, que equivale a uma maneira sublimada de tratar suas angústias. O humor produzido pelo artista transforma seu ódio numa alegria universal, em que os demais – a platéia – se identificam, sem aquilo ocasionar uma agressividade. É como vemos nas gargalhadas que as pessoas produzem ao ouvir as palestras do Ariano Suassuna, ou mesmo nas graças do comediante Tiririca. Como são “chistes”, pois são ditas de maneira que todos nós nos identificamos, trata-se de uma representação inocente, então revivemos nossa vida de criança. Há, assim, uma identificação geral de todos. A verdadeira arte, ou o verdadeiro humor advém de uma identificação realizada pelo grupo onde aquilo foi universalmente reconhecido.

Nem todo humor produz arte; e, quando é violento, gera rejeição por parte dos membros do grupo. No bullying acontece isso: gera-se uma sensação de prazer do que está batendo ou maltratando, mas, na verdade, equivale a um desprazer, pois o prazer não é fraternal, isto é, de comunhão de irmãos, mas sim de um (suposto Pai que está querendo ocupar o seu lugar) que está simbolicamente batendo no irmão mais novo. Portanto, o garoto mais velho da turma, o chefe do bando, decide maltratar o coitadinho da turma gerando violência.

Isto acontece no esporte. Quantas vezes não vemos jogadores de futebol se xingando em campo. A competição ali provocada desperta nos jogadores a vontade de bater, espancar, testar a autoridade do outro. O mesmo ocorre durante a ingestão da bebida alcoólica. O excesso de álcool alivia as resistências e isso faz as mesmas se sentirem livres para o que “der e vier”. O resultado é que os 'instintos agressivos' vêm à tona sob forma de brigas, falatório e irritação. Basta ver o sucesso das lutas como o UFC. Uma platéia enfurecida está identificada com a agressividade dos atletas. Há, inclusive, uma discussão se este tipo de esporte é verdadeiramente um esporte ou uma briga de rua. O motivo é que determinados golpes tem o objetivo maior de gerar agressividade e violência desmedida, do que propriamente vencer o adversário. Esta mesma polêmica se aplica ao humor. Em determinados momentos é engraçado. Em outros momentos, é de mal gosto. Em determinados momentos o apelido é fraterno. Em outros momentos pode ser caracterizado como Bullying.

Muitas vezes o Bullying é analisado menos pela perspectiva psicopedagógica (ou psicanalítica) e mais pelo viés jurídico. Isso significa tornar a criança como um adulto. Ou seja: menospreza-se as brincadeiras infantis tornando-as recheadas de culpas, quando na verdade, são apenas e tão somente situações corriqueiras do convívio infanto-juvenil. Essa culpabilização da infância, cometida por adultos não tão pouco violentos, é reflexo da forma equivocada com a qual lidamos com as crianças e adolescentes na sociedade moderna.

Por isso, acreditamos que o papel da escola é oferecer a autoridade aliada à simpatia, isto é, ao carisma. De nada vale uma escola com regras autoritárias e que produzem um falso submetimento. “Há atos de obediência que não são derivados de relações de autoridade, mas de simples correlação de forças” (LA TAILLE, 1999, p. 10/11). Portanto, a autoridade exacerbada, isto é, o autoritarismo, produz tão somente um “condicionamento” e não verdadeiramente submetimento por parte do aluno. Em outras palavras: para se combater o bullying é necessário que haja práticas altruístas, isto é, de alteridade e não autoridade excessiva, pois piora o comportamento dos adolescentes. “Se, num regime ditatorial, calamos nossas convicções políticas porque, do contrário, a polícia nos colocará na cadeia (ou coisa pior, como em geral acontece), na prática obedecemos, mas sem por isso dar legitimidade ao governo que nos coage” (LA TAILLE, 1999, p. 11). “Obedecemos porque não temos escolha, assim como levantamos as

mãos se um ladrão nos ameaça com sua arma: obedecemos, mas não respeitamos” (LA TAILLE, 1999, p. 11).

A raiz psicológica da falta de submissão da criança para com a autoridade pode ser explicada por Freud (1996) como originária do complexo de Édipo. “Os meninos concentram seus desejos sexuais na mãe e desenvolvem impulsos hostis contra o pai, como sendo rival, enquanto adotam atitude análoga” (FREUD, 1996, p. 22). Não só os meninos têm mais dificuldade de se submeterem a autoridade, como em geral esta falta de submissão está ligada a uma atitude agressiva originária das relações ambivalentes para com o pai. Isso resulta em desavenças contra quaisquer pessoas que representam a autoridade, como ocorre nas escolas através de atitudes briguentas contra colegas mais velhos, professores, coordenadores, etc.

Isso prova, portanto, que a prática autoritária não é legítima. A legitimidade se consolida quando há reconhecimento do Outro e não amedrontamento. Amedrontar um adolescente não é tarefa inteligente, menos ainda legítima. Impor regras, em determinado momento, é importante, mas é preciso estabelecer situações onde os alunos na escola possam participar de maneira prazerosa da vida escolar. A imposição retira a liberdade do estudante. Mas, a liberdade excessiva menospreza também o limite. Nem pode haver excessividade de um lado, nem do outro. Do lado da autoridade o excesso é considerado abuso de poder. Do lado da permissividade o excesso causa desconsideração com os alunos.

A função da escola é proteger a integridade dos alunos. No Art. 3º, do Estatuto da Criança e do Adolescente está expresso:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (ECA, 1990, p. 01).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência ocorrida nas escolas na atualidade e caracterizada como bullying corresponde à angústia interna das quais as crianças não sabem lidar. Ela é resultado de certo afastamento que os pais estão tendo dos filhos. Percebe-se hoje forte tendência dos pais em negociarem afetos com os filhos ao invés de oferecerem amor. A presença do sadismo na criança “decorre do mau manejo da ambivalência por parte dos pais que não souberam estimular nos filhos as atitudes positivas” (D'ANDREA, 1987, p. 53).

Esta agressividade da criança, transforma-se em afronta aos demais, se tornando ódio sádico em que o adolescente agressivo procurará sempre uma vítima. Qualquer motivo, por mais inocente que seja, enseja a vontade de se espancar e humilhar etc. Os motivos não estão no ato da vítima mas na vontade agressiva do adolescente sádico.

O objetivo deste artigo, portanto, foi refletir sobre a temática do Bullying que está em voga na atualidade deduzindo internamente os aspectos da personalidade das crianças e adolescentes pela teoria freudiana. É evidente que a chance de tratar o Bullying na escola passa diretamente pelo compromisso por parte de diretores e coordenadores pedagógicos em estabelecer regras de conduta claras aos alunos, de maneira a produzir o interesse coletivo de submissão às normas escolares, pois a disciplina, na visão psicanalítica, se feita de maneira clara e não autoritarista permite maior prazer por parte dos alunos e um convívio social mais harmônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana Maria M. et al. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 2003;

CHALITA, Gabriel. **Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 4ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2008;

D'ANDREA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987;

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8069 de 13/07/1990.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Imago: Rio de Janeiro: 1996;

_____. **Cinco lições de Psicanálise**. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XI. Imago: Rio de Janeiro: 1996;

_____. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Imago: Rio de Janeiro: 1996;

FREUD, S. **Inibições, Sintomas e Ansiedade** (1926). In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XX. Imago: Rio de Janeiro: 1996;

_____. **Um estudo autobiográfico**. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XI. Imago: Rio de Janeiro: 1996;

_____. **Uma contribuição ao problema da escolha da neurose**. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVI. Imago: Rio de Janeiro: 1996;

_____. **O Homem dos Ratos**. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. X. Imago: Rio de Janeiro: 1996;

LA TAILLE, Ives de. **Autoridade na escola**. In: AQUINO (org), Julio Groppa. *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999;

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes e manias: transtorno obsessivo compulsivo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011;

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual antibullying: para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011.

_____. **Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2013;